

SINTAGMAS NOMINAIS COMPLEXOS NO MACROGÊNERO J-BLOG DE POLÍTICA E ECONOMIA DO BRASIL E DA ESPANHA

Felipe Diogo de Oliveira¹

INTRODUÇÃO

O grupo de pesquisa vinculado ao Projeto PEUL (UFRJ) e liderado pela Profa. Dra. Vera Lúcia Paredes Silva tem se dedicado a estudar as relações entre sintagmas nominais (SNs) complexos e gêneros textuais das esferas jornalística e acadêmica. Um questionamento mais geral do grupo é se o SN complexo pode ser usado como um parâmetro de análise e caracterização de alguns gêneros jornalísticos e acadêmicos.

Como também mostra Lorena Cardoso dos Santos neste volume, o conceito de SN complexo adotado neste trabalho é aquele que, considerando também o núcleo, possui três ou mais elementos, a saber: determinantes e quantificadores (à esquerda do núcleo) ou modificadores (à esquerda ou à direita do núcleo). Observemos a seguir alguns exemplos de SNs complexos, destacados entre

¹ Fui orientado pela Profa. Dra. Vera Paredes desde o período de Iniciação Científica. Nesses 10 anos de trabalhos juntos, aprendi muito sobre Linguística, sobre como às vezes é preciso tomar um cafezinho “pra ficar esperto” e sobre muitas outras coisas da vida. Agradeço, professora, por todo incentivo, paciência e carinho que tem para comigo até hoje. ¡Muchas gracias por todo!

colchetes e extraídos do macrogênero³ jornalístico j-blog⁴ de opinião política e econômica, do Brasil e da Espanha, que compõem o corpus deste trabalho:

- 1) [O próprio Lula] já havia declarado não ser possível continuarmos com uma lei da década de 40 [...] (*Politicagem explícita*²)
- 2) O mercado de trabalho hoje, muito influenciado pela globalização, já não comporta [a visão getulista [de um país isolado]]. (*Politicagem explícita*)
- 3) La decisión del tribunal de Schleswig-Holstein de autorizar [la entrega [a España] [del prófugo Puigdemont]] tiene un sabor agrídulce [...] (*Solo un mangante*)
- 4) No hace falta decir que [el primer y principal reto [que tendrá el nuevo Gobierno [que salga de las elecciones de hoy]]] es solucionarlo. (*Grecia necesita ahora un gobierno fuerte, muy fuerte*)
- 5) Lo ridículo es que la queja la expresa [el responsable económico [de la comunidad más rescatada [de la historia reciente [de España]]]] (*Junqueras se burla del único banco que le rescata*)

No exemplo (1), temos um SN complexo mínimo, composto por um determinante, um modificador e o nome-núcleo (doravante Det, Mod e N, respectivamente). A partir do segundo exemplo, percebemos que o nível de complexidade dos SNs vai aumentando. Em (2), temos um Det, N, Mod e um segundo Mod realizado na forma de um sintagma preposicional (SPrep). Em (3) temos uma construção com dois Mod relativos ao N, um ao lado do outro. Já no exemplo (4), além dos dois Mod antepostos ao N, temos ainda dois Mod realizados de forma oracional, um dentro do outro, guardando novas relações de predicação em seu interior. Por fim, no exemplo (5) há vários encaixes preposicionais, um dentro do outro, cuja quantidade contribui para aumentar ainda mais o nível de complexidade do SN.

Os SNs complexos, entretanto, podem apresentar variação de complexidade não apenas do ponto de vista formal, como vimos nos exemplos acima, mas também do ponto de vista discursivo-pragmático, ou seja, considerando-se também sua função sintática, seu estatuto informacional e a própria posição na oração.

Diversos estudos relacionam o peso dos constituintes à sua posição numa oração. Autores como Quirk *et al.* (1985, *apud* NIV, 1992) e Wasow (1997), *e. g.*,

² Em cada um dos exemplos estão entre parênteses os títulos das postagens de onde foram extraídos.

defendem o **princípio do peso final**, através do qual afirmam que estruturas sintáticas com maior peso estrutural tendem a vir preferencialmente à direita da oração. De um ponto de vista mais cognitivista, Chafe (1987), por sua vez, propõe o **princípio do ponto de partida leve**, considerando que existe uma tendência a iniciarmos sentenças a partir de informações que já estariam presentes no foco de consciência do falante/ouvinte, ou seja, a partir de informações já dadas ou conhecidas para o ouvinte. Na próxima seção, discutiremos mais detidamente sobre os fatores que podem influenciar a complexidade e a ordem dos SNs complexos.

No que diz respeito ao uso de SNs complexos em gêneros textuais da esfera jornalística, que nos interessam mais diretamente neste capítulo, Santos (2015) investigou o papel dos SNs complexos em editoriais de jornais impressos. Posteriormente, a autora (cf. SANTOS, 2019) estudou SNs complexos em notícias impressas e digitais, identificando maior complexidade nos SNs das notícias impressas. Bastos (2013), por sua vez, analisou SNs complexos em revistas de divulgação científica, constatando poucos SNs de maior complexidade neste gênero. De maneira semelhante, Costa Pinto (2014) também encontrou um predomínio de SNs pouco complexos no gênero crônica jornalística.

Particularmente, desde o período de Iniciação Científica, venho me dedicando a estudar SNs complexos em textos jornalísticos do espanhol, a fim de estabelecer comparações com o português e entre gêneros textuais desta mesma esfera. Em Oliveira (2013b), comparei artigos de opinião e notícias do espanhol, de mídia impressa, dos jornais *El Mundo* e *La Nación*. Foram coletados 1003 SNs complexos de 12 artigos de opinião e 12 notícias, todos publicados no século XXI. Os dados mostraram maior incidência de SNs complexos em artigos de opinião que em notícias: 637 contra 366. Essa diferença expressiva nos fez levantar a hipótese de que os SNs complexos pudessem ser estruturas mais próprias da escrita opinativa. Essa hipótese fundamenta-se também no estudo de Chafe (1982) que, ao comparar fala e escrita, afirma que a escrita formal tende a ser mais compactada que a fala, reunindo mais informações numa mesma unidade ideacional. Ou seja, se pensarmos nas relações de fala e escrita como um *continuum*,⁶ em que os extremos seriam a conversa face a face e a prosa acadêmica prototípicas, podemos esperar que, quanto mais os gêneros aproximam-se do polo da escrita prototípica, mais compactados seriam, lançando mão de construções mais complexas.

Diante dessas considerações, surgiram novos questionamentos: como seriam, então, as escritas jornalísticas mais opinativas na internet? Em outras palavras, o

ambiente digital de fato estimula usos mais próximos da oralidade ou a influência do caráter opinativo e da escrita mais condensada ainda são preservados?

Nesse sentido, em Oliveira (2014), investiguei SNs complexos em postagens de j-blogs de opinião esportiva vinculados a jornais digitais do Brasil (*SporTV*) e da Argentina (*Olé*). Ao todo, foram encontrados 412 SNs complexos em 20 postagens produzidas entre os anos de 2012 e 2013. Os resultados mostraram uma baixa incidência de SNs complexos nas duas línguas. Além disso, percebemos também que a preferência de uso é por SNs de menor extensão, em ambas línguas. Isso nos levou a crer que o gênero textual interfere mais nesses padrões de uso que as diferenças entre as duas línguas estudadas.

Mas, apesar de estarmos diante de um gênero jornalístico opinativo, a temática dos esportes, por ser considerada mais despojada, estaria interferindo de alguma forma nesses resultados, propiciando o uso de SNs de menor complexidade? Em outras palavras, quais fatores seriam mais favorecedores do uso de SNs menos complexos: o conteúdo temático desses textos ou o meio digital? Caso a temática nos j-blogs fosse mais séria, continuaria existindo baixa incidência de SNs complexos, tanto no português quanto no espanhol?

Portanto, diante dos resultados de Oliveira (2013b), que mostram considerável incidência de SNs complexos em artigos de opinião do espanhol, e ainda levando em conta a influência da temática e do meio digital nos gêneros jornalísticos, **cabe-nos perguntar se em j-blogs de opinião política e econômica do espanhol encontraríamos mais SNs complexos que em j-blogs do português.**

Essa questão central que norteia este trabalho desdobra-se em outras mais específicas, a saber:

- I. Os j-blogs do espanhol tendem a apresentar SNs de maior complexidade que os do português;
- II. O uso de encaixes e a quantidade de itens lexicais são fatores relevantes para caracterizar a complexidades desses SNs (cf. WASOW, 1997; BERLAGE, 2014);
- III. As temáticas de opinião política e econômica, de caráter mais sério, favoreceriam o uso de SNs complexos;
- IV. O uso dos SNs complexos é influenciado por aspectos discursivo-funcionais, tais como a função sintática e o estatuto informacional do referente do SN.

Para verificar as hipóteses colocadas, este capítulo focaliza os SNs complexos em j-blogs de opinião política e econômica, vinculados a dois jornais

digitais do Brasil e da Espanha, respectivamente: *O Globo* e *El Mundo*. Como aprofundado na próxima seção, este estudo baseia-se no Funcionalismo Linguístico, considerando alguns de seus princípios teóricos, como o estudo dos gêneros textuais, o princípio da informatividade e os estudos sobre peso e ordem de constituintes sintáticos. Para essa análise, formou-se um corpus de 678 SNs complexos e de 768 SNs considerados não complexos, extraídos de 26 postagens de j-blogs vinculados aos dois jornais em questão, publicadas entre 2010 e 2019. Partindo da forma para a função desses SNs, buscaremos quantificar aspectos formais e discursivo-funcionais dos SNs complexos, objetivando testar as hipóteses supramencionadas.

REVISÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Diferentemente do paradigma formalista de análise linguística (no qual se situam o estruturalismo e o gerativismo chomskyano), o funcionalismo é uma abordagem que se insere no paradigma funcional de análise, buscando trazer fatores do contexto discursivo para explicar a função de determinadas estruturas linguísticas.

Nesse sentido, Hymes (1972) já via a necessidade de pensar a competência comunicativa do falante não só como sua capacidade de formar enunciados bem estruturados, mas também como sua habilidade de fazê-los gerar sentidos em determinados contextos socioculturais. Dessa forma, o Funcionalismo considera a competência comunicativa como “a capacidade que os indivíduos têm não apenas de codificar ou decodificar expressões, mas também de usar e interpretar essas expressões de maneira intencionalmente satisfatória” (NEVES, 2004, p. 15).

O Funcionalismo é uma corrente teórica que encontra suas raízes no Círculo Linguístico de Praga, interessando-se por estudar a relação entre as formas linguísticas e seus usos, considerando contextos comunicativos reais e específicos. Halliday (1973, p. 7) esclarece que

uma abordagem funcional da língua significa, em primeiro lugar, investigar como a língua é usada: tentar descobrir quais são os propósitos a que a língua serve para nós e como somos capazes de alcançar esses propósitos por meio do falar e ouvir, ler e escrever. Mas também significa mais que isso. Significa procurar explicar a natureza da língua em termos funcionais: ver se a própria língua foi moldada pelo uso e, em caso afirmativo, de que forma – como a forma da língua foi determinada pela função para a qual ela evoluiu para servir.³

³ No original: “A functional approach to language means, first of all, investigating how language is used: trying to find out what are the purposes that language serves for us, and how

Nesse modelo teórico, língua e discurso estão intimamente relacionados, formando uma via de mão dupla. Nesse sentido,

parte-se do princípio de que há uma simbiose entre discurso e gramática: o discurso e a gramática interagem e se influenciam mutuamente. A gramática é compreendida como uma estrutura em constante mutação/adaptação, em consequência das vicissitudes do discurso. Logo, a análise de fenômenos linguísticos deve estar baseada no uso da língua em situação concreta de intercomunicação. (CUNHA, BISPO E SILVA, 2013, p. 14).

Muito embora exista certa pluralidade de perspectivas funcionalistas (conforme discute Neves (2004)), dada a maior ou menor relevância do componente funcional em relação ao componente formal, estou de acordo com autores como Butler (2003) e Castilho (2012), que afirmam existir alguns pontos centrais que são comuns a grande parte das abordagens funcionais, a saber:

- Ênfase na linguagem como significado da comunicação humana em contextos sociais e psicológicos;
- Rejeição, no todo ou em parte, da afirmação de que o sistema linguístico (“a gramática”) é arbitrária e autônoma, em favor de uma explicação em termos de fatores cognitivos, sócio-culturais, fisiológicos e diacrônicos;
- Rejeição, no todo ou em parte, da afirmação de que a sintaxe é um sistema autônomo, em favor de uma abordagem em que os padrões semânticos e pragmáticos sejam considerados centrais, com a sintaxe, se reconhecida como um sistema estrutural de fato, considerada como um meio para a expressão de significados, que é ao menos parcialmente motivada por esses significados (BUTLER, 2003, p. 29);⁴

we are able to achieve these purposes through speaking and listening, reading and writing. But it also means more than this. It means seeking to explain the nature of language in functional terms: seeing whether language itself has been shaped by use, and if so, in what ways — how the form of language has been determined by the function it has evolved to serve”.

⁴ No original:

- “an emphasis on language as a means of human communication in social and psychological contexts;
- rejection, wholly or in part, of the claim that the language system (the ‘grammar’) is arbitrary and self-contained, in favour of functional explanation in terms of cognitive, sócio-cultural, physiological and diachronic factors;
- rejection, wholly or in part, of the claim that syntax is a self-contained system, in favour of an approach where semantic and pragmatic patterning is regarded as central, with syntax, if recognised as a structural system at all, regarded as one means for the expression of meanings, which is at least partially motivated by those meanings”.

- [Concentração] no esclarecimento das relações entre forma e função, especificando aquelas funções que parecem exercer influência na estrutura gramatical (CASTILHO, 2012, p. 21).

A vertente norte-americana do Funcionalismo tem como marco inicial o trabalho *The Origins of Syntax in Discourse*, de Gillian Sankoff e Penelope Brown, de 1976. A elas, agregam-se nomes como Talmy Givón, Sandra Thompson e Paul Hopper. Cunha (2008) explica que para o Funcionalismo norte-americano, a relação entre forma e função é tal que

a sintaxe é uma estrutura em constante mutação em consequência das vicissitudes do discurso, ao qual se molda. Ou seja, há uma forte vinculação entre discurso e gramática: a sintaxe tem a forma que tem em razão das estratégias de organização da informação empregadas pelos falantes no momento da interação discursiva. (*op. cit.*, p. 163).

Na próxima subseção, discutiremos sobre os critérios que podem ser utilizados para avaliar o nível de complexidade de um SN. Dentre eles, destacam-se aspectos muito caros ao Funcionalismo norte-americano, tais como os estudos sobre informatividade, peso e ordem de constituintes.

Peso e ordem dos SNs complexos

Assim como discutido em estudos anteriores (OLIVEIRA, 2014, 2019), consideramos a seguinte estrutura de representação de um SN, tanto para o português quanto para o espanhol:

[Qtic [Det]] [Mod]* N [Mod]* [SPrep]* [Mod] [Or. Adj]

em que os elementos acompanhados de um asterisco podem ser recursivos e os entre colchetes, opcionais. Essa representação torna mais explícita a relação entre o N e os demais componentes do SN.

Do ponto de vista estrutural, quanto mais elementos dessa representação o SN apresentar, maior será seu peso. Os exemplos de (1) a (5), discutidos na Introdução deste capítulo e retomados a seguir, evidenciam essa gradação:

- 1) [O próprio Lula] já havia declarado não ser possível continuarmos com uma lei da década de 40 [...] (*Politicagem explícita*⁹)
- 2) O mercado de trabalho hoje, muito influenciado pela globalização, já não comporta [a visão getulista [de um país isolado]]. (*Politicagem explícita*)

- 3) La decisión del tribunal de Schleswig-Holstein de autorizar [la entrega [a España] [del prófugo Puigdemont]] tiene un sabor agrídulce [...] (*Solo un mangante*)
- 4) No hace falta decir que [el primer y principal reto [que tendrá el nuevo Gobierno[que salga de las elecciones de hoy]]] es solucionarlo. (*Grecia necesita ahora un gobierno fuerte, muy fuerte*)
- 5) Lo ridículo es que la queja la expresa [el responsable económico [de la comunidad más rescatada [de la historia reciente [de España]]]] (*Junqueras se burla del único banco que le rescata*)

Neles, podemos perceber também que, quanto maior a quantidade de encaixes preposicionais e oracionais em relação ao N, maior é a complexidade do SN. Entretanto, no que diz respeito à natureza desses encaixes, os que envolvem orações adjetivas contribuem para maior complexidade do SN que encaixes em forma de SPrep (cf. WASOW, 1997), por permitirem gerar outras relações de predicação dentro da oração. E, por fim, avaliando os níveis hierárquicos dos encaixes no SN, podemos ter encaixes relativos ao N ou encaixes dentro de outros encaixes, o que contribui para complexificar ainda mais o SN. Como podemos ver, encaixes e extensão são duas maneiras muito próximas de análise de complexidade estrutural de um SN, de modo que autores como Wasow (*op. cit.*) e Berlage (2014) já admitiam que a quantidade de itens lexicais e a quantidade/posição dos encaixes internos ao SN são critérios complementares de análise.

A relação entre peso estrutural e ordenação de constituintes oracionais foi tema de estudo para autores como Quirk *et al.* (1985, *apud* NIV, 1992) e Wasow (1997), que defendem o **princípio do peso final**, através do qual afirmam que estruturas de maior peso formal tendem a vir preferencialmente à direita da oração.

Do ponto de vista discursivo-funcional, o status informacional que um SN carrega também pode influenciar no seu peso e em sua posição na oração. O estudo da informatividade consiste em analisar como entidades são introduzidas, retomadas, recategorizadas e desligadas ao longo dos textos.

Ellen Prince, em seu trabalho de 1981, analisa o estatuto informacional do ponto de vista textual, propondo classificar as entidades em três grupos: **novas** (incluindo informações totalmente novas, novas ancoradas e disponíveis), **evocadas** (textualmente ou situacionalmente) e **inferíveis** (incluidoras e não incluídas). Posteriormente, Prince (1992) estuda o status informacional dos pontos de vista do ouvinte/leitor e do discurso e propõe retirar as entidades disponíveis do conjunto das novas, pois embora sejam novas do ponto de vista textual, para

o leitor/ouvinte são informações já conhecidas. De maneira similar, a autora comenta que as inferíveis podem comportar-se como velhas para o discurso e para o ouvinte/leitor (a partir de deduções e de relações com outras entidades previamente mencionadas) ou como novas (por serem introduzidas pela primeira vez e por nem sempre o ouvinte/leitor já ter esse conceito em sua mente). Numa abordagem mais cognitivista, Chafe (1987, 1994) estuda a informatividade de unidades entoacionais⁵ levando em conta o foco de consciência do ouvinte. Assim, o autor propõe três estados de ativação da informação: informações **ativas**, **semiativas** e **inativas**.

Tendo em vista esses estudos, percebemos que SNs que carregam informações novas/inativas têm maior peso discursivo-funcional que SNs que apresentam informações inferíveis/semiativas ou já evocadas/ativas, nesta ordem de graduação. Esse peso também interfere na ordenação do SN dentro de uma oração. Chafe (op. cit.) e Wasow e Arnold (2003) defendem o princípio do ponto de partida leve, que diz respeito à tendência a iniciar sentenças a partir de informações consideradas “leves”, ou seja, a partir de informações já dadas ao ouvinte ou, no máximo, inferíveis. As informações consideradas mais “pesadas” – ou seja, as mais novas – tendem a vir à direita da oração.

Ainda nesta seção será explicitado como consideramos esses aspectos formais e discursivo-funcionais na análise dos SNs complexos.

Os gêneros textuais

Os gêneros são formas mais ou menos estáveis de enunciados, situadas sócio-historicamente e que desempenham determinadas funções sociais (cf. BAKHTIN, 2003, MARCUSCHI, 2010a). Bakhtin é considerado o pioneiro no estudo sobre os gêneros por trazê-los das esferas da literatura e da oratória para as práticas cotidianas. Para o autor, um falante não conhece apenas a estrutura formal de uma língua, mas também as formas de enunciados de uma língua, ou seja, os gêneros do discurso (op. cit., p. 285). Estamos, portanto, diante de uma concepção de língua que também privilegia o uso.

Autores como Rojo (2005) e Bezerra (2017) discutem a diferença entre as nomenclaturas **gêneros discursivos** e **gêneros textuais**. A partir do apanhado

⁵ Segmentações da fala que, igualmente, correspondem a unidades ideacionais (idea unit, no original). No caso da escrita, uma das possibilidades de segmentação neste código, tal qual na fala, é através de sintagmas. Portanto, grosso modo, as observações de Chafe (op. cit.) sobre informatividade também podem ser aplicadas aos SNs complexos em estudo.

que os autores fazem com os principais teóricos da área, podemos sumarizar que a primeira nomenclatura abarca estudos mais centrados nas condições de produção dos enunciados e em suas características sócio-históricas. Já a segunda, refere-se a estudos que privilegiam aspectos da materialidade textual. Hodiernamente, existe ainda uma proposta de síntese entre as duas, com o uso da expressão **gêneros discursivo-textuais**. Nesta pesquisa, opto por adotar a nomenclatura **gêneros textuais**, para evidenciar o papel de uma estrutura linguística que estamos estudando – o SN complexo. No entanto, naturalmente não desconsidero que todo texto pressupõe também aspectos sociodiscursivos.

Bakhtin (*op. cit.*) explica que os gêneros são veiculados em diferentes *loci* físicos, os quais chama de **suportes**. As práticas discursivas costumam ter uma relação íntima com seus suportes (MARCUSCHI, 2008; BISOGNIN, 2009), e com os blogs isso não é diferente. Há alguns anos, não tínhamos toda essa familiaridade e aceitação que temos hoje com o ambiente web 2.0. De maneira análoga, os estudos sobre gêneros textuais e sobre interações mediadas pela internet avançaram nos últimos anos, sobretudo no final dos anos 1990 e início dos 2000.

Até meados dos anos 2010, *e. g.*, existia uma discussão teórica muito acalorada sobre se os blogs seriam um gênero propriamente dito ou um suporte para a materialização de outros gêneros. No momento, essa discussão parece superada, uma vez que existe uma formação discursiva em torno da atividade social de *blogar*. Além disso, ter um nome comum e bem identificável dentro de uma comunidade já é um forte sinal de que uma ação comunicativa esteja funcionando como um gênero (cf. MILLER, 2012, p. 60). Diante desses argumentos, a própria teoria bakhtiniana sobre os gêneros, que concebe a prática social como centro, pode ser usada como marco teórico para concebermos o blog como um gênero, e não como um suporte.

Os gêneros estão relacionados aos múltiplos campos de atividades humanas. A esses campos, Bakhtin (*op. cit.*) denominou **esferas** e Marcuschi (2008), **domínios discursivos**. Portanto, temos, *e. g.*, as esferas jornalística, jurídica, religiosa, acadêmica, dentre outras.

Uma discussão mais contemporânea é se o ambiente digital é por si só uma esfera, um suporte ou um meio. Por algum tempo, autores como Marcuschi (2010b) e Araújo e Lima Neto (2009), *e. g.*, utilizaram a nomenclatura **gêneros digitais emergentes** para referir-se a gêneros que não poderiam existir senão com o advento da internet. Atualmente, sabemos que gêneros como o *chat* de bate-papo ou o *scrap* do Orkut já não são mais tão emergentes assim. Se, por um lado, algumas transformações no âmbito da internet podem ser mais velozes

do que em outros meios, por outro, a cada dia há mais linguistas debruçando-se sobre questões que envolvem interações na internet. Nesse sentido, Araújo (2016), faz uma autocorreção, com a qual concordo, explicando que a internet não é uma esfera no sentido bakhtiniano do termo, como havia concebido outrora, mas sim um espaço que pode transmutar diversas esferas e, conseqüentemente, diversos gêneros. Podemos conceber que esses gêneros são **gêneros digitais**⁶ no sentido de que circulam nesse meio da internet e se materializam no suporte tela, porém, estão relacionados às mais diversas esferas de atuação humana.

No nosso caso em específico, os blogs aqui em estudo estão relacionados à esfera jornalística. Trata-se de blogs institucionais, vinculados a conglomerados midiáticos de comunicação social. A esses blogs, Oliveira (2013a) chama de **j-blogs**.

Seguindo o tripé bakhtiniano de análise de gêneros, quanto à **estrutura composicional**, podemos dizer que esses blogs se assemelham muito a quaisquer outros blogs: em sua página inicial há um cabeçalho com o nome do jornal ao qual se vincula e o nome do j-blog; mais a seguir, as postagens são listadas em forma de cronologia reversa; à direita ou à esquerda dessa lista de postagens, costumeiramente temos uma pequena descrição do j-blog e/ou do blogueiro responsável; alguns contam ainda com ferramentas de pesquisa, tags e arquivos de postagens. Ao abrirmos alguma das postagens para ler, ainda podemos encontrar alguns desses gêneros e ferramentas citadas. Além disso, ficam bem evidentes dois campos mais centrais: os espaços para a postagem e para os comentários dos leitores. Nos j-blogs com mais interatividade, o espaço dos comentários é onde se cria uma rede de leitores frequentes, que acompanham e comentam sobre determinados assuntos que são mais caros ao j-blog, dirigindo-se ora ao blogueiro, ora aos demais leitores das postagens e comentários. A Figura 1 é um exemplo de postagem utilizada no corpus desta pesquisa. Nela, podemos ver alguns exemplos dos gêneros e ferramentas citadas. Há também alguns hiperlinks ao longo do texto. Essa mescla de semioses é uma característica potencializada pelo meio digital em que esse gênero é veiculado, que permite criar postagens que além de links podem apresentar também imagens, *gifs*, *emoticons*, *tags*, *players* de áudio ou vídeo etc. (cf. LÉ, 2012; OLIVEIRA, 2014).

⁶ Reconheço que esta nomenclatura pode não transparecer o sentido do digital explicitado neste parágrafo. Talvez uma melhor expressão a se adotar seria gêneros discursivos que se situam em ambiente digital. Dado o inconveniente de uma expressão deveras longa, opto por utilizar gêneros digitais para referir-me a gêneros de diversas esferas de atuação humana e que funcionam de maneira idiossincrática, dadas as possibilidades do ambiente digital.

EL MUNDO ▶ Acceso usuarios

España Mundo Europa Op-Blogs Deportes Economía Vivienda Cultura Toros Ciencia Salud Tecnología Medios TV Servicios Shopping

Blogs **Opinión** C. Editorial S. González L. Méndez A. Espada F. S. Dragó C. Arias A. V. Llosa M. Jabois S. Sostres

1714: Diario del año de la peste

06
NOV
2015
17:14 h

Boadella, menos constitucional que su Ubú

Arcadi Espada
El año catalán de 1714, Año del Burro en chino, se contará aquí en detalle, día a día, hasta su nueva e inexorable derrota. El diario seguirá el ejemplo de aquel admirado Defoe que pudiendo marchar de Londres en el año de la peste decidió quedarse «en atención a las particulares circunstancias de mi vida y la atención que debía prestar a la seguridad de mi negocio.»

Esta petición de Libres e Iguales tiene, a mi juicio, un significado más profundo del que aparenta. Un rápido vistazo [a la lista de distinguidos](#) demuestra hasta qué punto el Estado ha sido ciego con el nacionalismo catalán e indiferente con los catalanes que han defendido la Constitución frente al nacionalismo.

Que tenga esa medalla [Jordi Pujol](#) y no la tenga Albert Boadella.

Y no la tengan Antonio Robles, Marita Rodríguez, Francesc de Carreras.

Luego está la cuestión del mantenimiento de los honores. Soy reacio a suprimirlos. Pero hay una condición inexcusable para hacerlo y en este caso se cumple: la de que quite los honores aquel que los concede. En este caso el régimen constitucional español. Algo sutilmente distinto de que la democracia suprima honores concedidos por la dictadura.

Powered by **verizon media** Next

Figura 1 – Exemplo de postagem do j-blog 1714: Diario del año de la peste, vinculado ao El Mundo.

Posto isso, vemos que, por um lado, o blog existe como uma concepção discursiva mais ampla, mas, ao mesmo tempo, o gênero abarca outros gêneros (e. g., as postagens e comentários dos leitores). Portanto, assim como Lima (2017) e Oliveira (2019), podemos considerar o blog como um macrogênero, termo já utilizado por Martin (1994), um dos representantes da Escola de Sydney.

No que diz respeito aos **conteúdos temáticos**, é comum que blogs sejam centrados tematicamente. Pelos motivos já expostos, optamos aqui por analisar postagens de j-blogs cujo centro seja a opinião sobre os principais fatos da política e da economia.

Quando se trata de opinião política e econômica, é de se esperar diferentes **estilos**, dos mais diretos aos mais irônicos. Como as postagens são assinadas pelo próprio dono, um dos jornalistas efetivos do grupo, é de se esperar essa variedade. A coleta de postagens de blogueiros variados permitiu termos uma média de diferentes estilos de escrita.

Metodologia

Esta pesquisa empírica parte da forma para a função dos SNs complexos, a fim de testar a hipótese principal e as subsequentes, mencionadas na introdução deste capítulo. Para tanto, formou-se um corpus de 678 SNs complexos e 768 SNs considerados não complexos, extraídos de 26 postagens de j-blogs vinculados ao *El Mundo* e a *O Globo* (13 postagens de cada um desses grupos de comunicação), publicadas entre os anos 2010 e 2019. Esses j-blogs autoidentificam-se como centrados tematicamente em opinião política e econômica. As postagens selecionadas possuem uma média de 477 palavras no *O Globo* e 486 no *El Mundo*, para garantir o equilíbrio da amostra.

Com isso, esta pesquisa procura quantificar aspectos formais e funcionais dos SNs para caracterizar o macrogênero em questão. Considero a estatística uma importante ferramenta de análise por possibilitar identificar a correlação existente entre um conjunto de propriedades e uma forma linguística (GUY; ZILLES, 2007). Uma análise quantitativa, entretanto, não é necessariamente oposta à qualitativa. Ao contrário: ambas podem complementar-se, a partir de hipóteses linguísticas bem formuladas (HAZEN, 2014).

A metodologia de análise segue, pois, os seguintes passos:

- I. Levantamento de ocorrências de SNs complexos e simples no corpus definido. Em oposição aos complexos, foram considerados SNs simples aqueles que possuem dois constituintes ou menos, ou ainda os SNs pronominais;
- II. Localização de cada ocorrência em uma das línguas estudadas;
- III. Análise da estrutura de cada SN complexo.

Para isso, foram quantificados os seguintes aspectos de cada SN complexo:

- a) Conglomerado jornalístico (*El Mundo* ou *O Globo*)

A escolha dos dois jornais tem uma motivação mercadológica, pois ambos ocupam segmento de destaque em seus respectivos países, sendo considerados jornais topo de gama.

- b) Quantidade de itens lexicais do SN (SN com 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 ou 9+ itens lexicais)
- c) Posição e quantidade de encaixes internos ao SN

- SNs sem encaixe (sem SPreps ou Orações Adjetivas. Apenas casos que envolvem modificadores e advérbios)
 - Ex.: [O **Lula líder sindicalista**] defendia o fim da Era Vargas [...] (Politicagem explícita) → 3 itens lexicais, sem encaixe
- SN com 1 encaixe (1 SPrep ou 1 Oração Adjetiva)
 - Ex.: [...] tratando de vincular imediatamente [**estas operaciones [que llevaban meses y meses fraguándose]**]... (La operación del 3% arrancó desde ERC) → 6 itens lexicais, 1 encaixe
- SN com 2 ou + encaixes, lado a lado (ou seja, encaixes ligados ao núcleos do SN)
 - Ex.: [...] mas superestimou [a **devoção [de seus seguidores] [à causa]**] (Uma aposta errada em Lula) → 4 itens lexicais, 2 encaixes lado a lado
- SN com 1 encaixe dentro do outro
 - Ex.: [...] anunciou [**seu apoio [à revisão [da CLT]]**] (Politicagem explícita) → 4 itens lexicais, 1 encaixe dentro do outro
- SN com 2 ou mais encaixes, um dentro do outro
 - Ex.: [...] [**suas declarações [a respeito do conteúdo [das delações [da Odebrecht]]**], veiculadas na forma de vídeos, deixam pateticamente clara sua incompatibilidade [...] (Uma aposta errada em Lula) → 6 itens

Partitivos foram considerados como uma estrutura complexa única (cf. KEIZER, 2007) e nomes próprios compostos foram considerados como um único item lexical. Ambos, portanto, não foram contabilizados como encaixe.

d) Função Sintática desempenhada pelo SN

Basicamente, levam-se em conta funções sintáticas argumentais, que foram divididas em dois grupos, considerada a sua posição em relação ao predicador verbal:

- Funções sintáticas antepostas ao predicador verbal (Sujeito em ordem canônica)
- Funções sintáticas pospostas ao predicador verbal (OD em ordem canônica, OI em ordem canônica, Sujeito posposto e Predicativo do Sujeito)

O intuito dessa divisão é testar o já mencionado princípio do peso final. Considerando que o SN complexo é uma estrutura de maior peso estrutural, a expectativa é encontrar maior incidência desses SNs em funções sintáticas postostas ao predicador verbal.

e) Status informacional do SN

Tendo em vista a discussão feita anteriormente, delineamos as seguintes categorias:

- **Novas:** informações ainda não introduzidas no texto.
- **Velhas:** informações já mencionadas no texto, sendo retomadas literalmente ou de maneira recategorizada.
- **Inferíveis:** informações ainda não mencionadas no texto, mas dedutíveis de outras estruturas precedentes e/ou do contexto temático da postagem.
- **Disponíveis:** entidades de referência única para o leitor.

f) Presença/ausência de nominalizações

As nominalizações são processos linguísticos que estão entre o **referir** e o **predicar**. De acordo com Camacho (2009), elas preservam a estrutura argumental de seu verbo base, possibilitando gerar SNs com mais itens lexicais e/ou encaixes, complexificando-o estruturalmente ainda mais. Do ponto de vista discursivo, Chafe (1982) explica que as nominalizações são próprias da escrita mais formal, pois tem o poder de compactar mais informação numa mesma unidade textual. Observemos:

- 6) [...] dentro de uma reforma trabalhista que tinha por base [a **flexibilização** [da legislação]]. (*Politicagem explícita*)
- 7) [...] no momento em que reconhecemos [[nossa] **entrada** [do (*sic*) tempo do Antropoceno e na economia do conhecimento]]. (*Trump acende a espoleta de um tsunami cívico nos EUA*)

No exemplo (6) temos a projeção de um argumento em forma de SPrep [da legislação]. Já no exemplo (7), a nominalização **entrada** projeta dois argumentos: [nossa] e o SPrep [do (*sic*) tempo do Antropoceno e na economia do conhecimento], o que contribui para complexificar ainda mais o SN.

Serão analisados os seguintes aspectos das nominalizações:

- Frequência geral (SNs complexos com e sem nominalizações)
- Distribuição entre os jornais em estudo (*El Mundo* ou *O Globo*)
- Posição (em SNs que desempenham funções antepostas ou pospostas ao predicador verbal)
- Projeção de argumentos (sem projeção, 1, 2 ou 3 argumentos projetados)

Tratamento quantitativo dos dados

Com o auxílio dos programas GoldVarb (até a fase MakeCell) e R (Teste Chi-Quadrado de Pearson), os dados foram quantificados objetivando identificar as possíveis diferenças entre os dois jornais. Muito embora não se trate de um caso de variação, utilizamos o jornal como variável dependente para organizar os dados via GoldVarb e testar a hipótese principal. Dessa forma, buscamos caracterizar o macrogênero j-blog de opinião política e econômica nos dois idiomas estudados.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

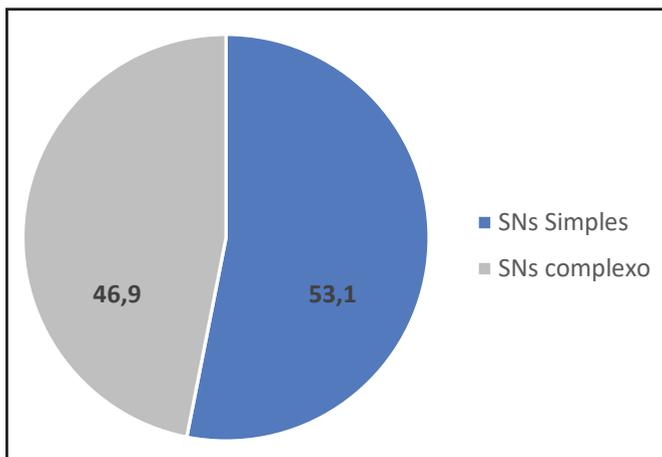


Gráfico 1 – Distribuição de SNs Simples e Complexos n’*O Globo* e no *El Mundo* (%).

O Gráfico 1 mostra a distribuição de SNs simples e complexos encontrados no total dos dois jornais. Podemos perceber que existe uma ligeira preferência por uso de SNs considerados simples nesse macrogênero: 53,1% contra 46,9%.

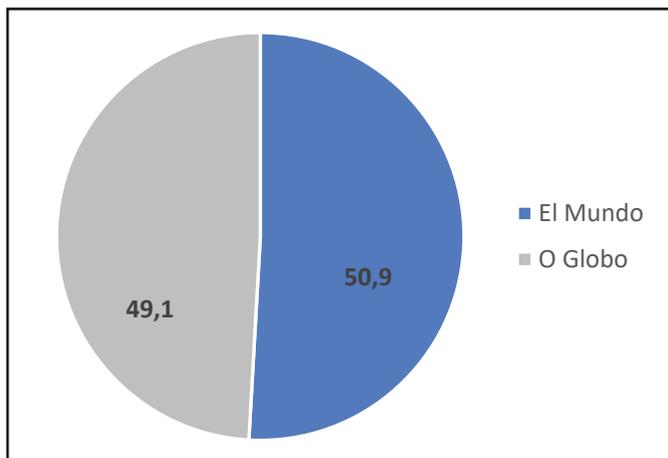


Gráfico 2 – Distribuição geral de SNs Complexos (%).

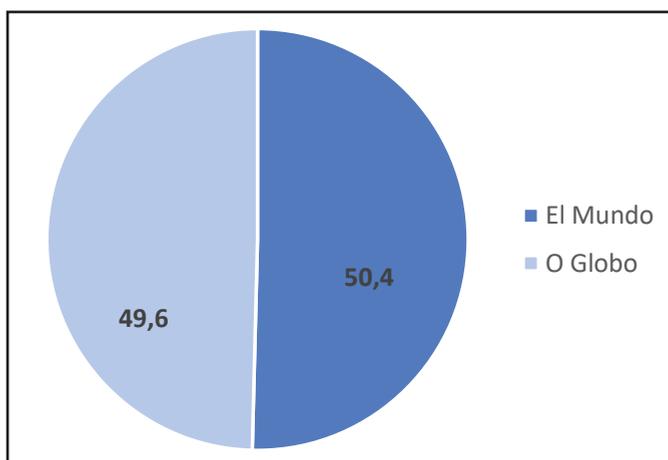


Gráfico 3 – Distribuição geral de SNs Simples (%).

Tomando por base de comparação os dois jornais, os Gráficos 2 e 3 mostram, respectivamente, a distribuição dos SNs complexos e simples entre *O Globo* e o *El Mundo*. Como não há uma diferença significativa entre as duas línguas em nenhum dos dois gráficos, podemos considerar que o nosso questionamento inicial, de encontrar mais SNs complexos no espanhol, deve ser respondido de maneira negativa.

```
Console Terminal Jobs
~$
K é um SOFTWARE LIVRE e vem SEM GARANTIA ALGUMA.
Você pode redistribuí-lo sob certas circunstâncias.
Digite 'license()' ou 'licence()' para detalhes de distribuição.

R é um projeto colaborativo com muitos contribuidores.
Digite 'contributors()' para obter mais informações e
'citation()' para saber como citar o R ou pacotes do R em publicações.

Digite 'demo()' para demonstrações, 'help()' para o sistema on-line de ajuda,
ou 'help.start()' para abrir o sistema de ajuda em HTML em seu navegador.
Digite 'q()' para sair do R.

> tab=matrix(c(333,345,381,387), 2,2)
> tab
      [,1] [,2]
[1,] 333  381
[2,] 345  387
> chisq.test(tab)

      Pearson's Chi-squared test with Yates' continuity correction

data:  tab
X-squared = 0.018205, df = 1, p-value = 0.8927
> |
```

Figura 2 – Resultado do teste Chi-Quadrado de Pearson.

A fim de verificar se existe relevância estatística entre a **configuração dos SNs** e os **jornais** pesquisados, foi utilizado o programa estatístico R para formular um teste Chi- Quadrado de Pearson. Esse teste verifica a hipótese nula, ou seja, se a correlação encontrada é relevante do ponto de vista estatístico ou se ocorre ao acaso. A Figura 2 mostra o resultado do teste, com um *p-value* de 0,8927, um valor muito mais alto que o índice de 0,05 com que o programa trabalha. Isso significa que não há correlação estatística. Nesse sentido, parece não importar o jornal em questão: a distribuição encontrada parece estar mais relacionada ao macrogênero j-blog que a uma língua específica.

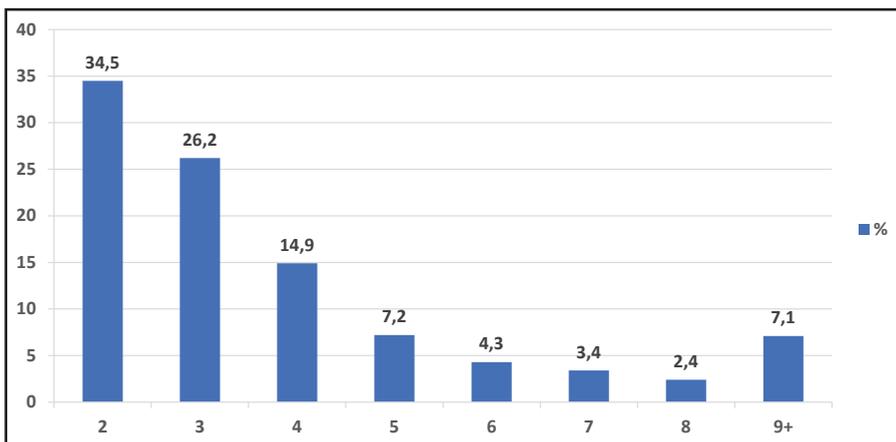


Gráfico 4 – SNs Complexos de acordo com a quantidade de itens lexicais (%).

No Gráfico 4, temos a distribuição de SNs complexos de acordo com o número de itens lexicais nas duas línguas. Podemos perceber que predominam SNs complexos com menos itens lexicais. Há um pequeno aumento no índice dos SNs com 9+ itens lexicais por conta dos SNs com orações adjetivas.

Esses resultados contribuem para também refutar uma expectativa inicial: ao estarmos diante de uma temática considerada mais densa, da opinião política e econômica, esperávamos encontrar SNs com mais itens lexicais.

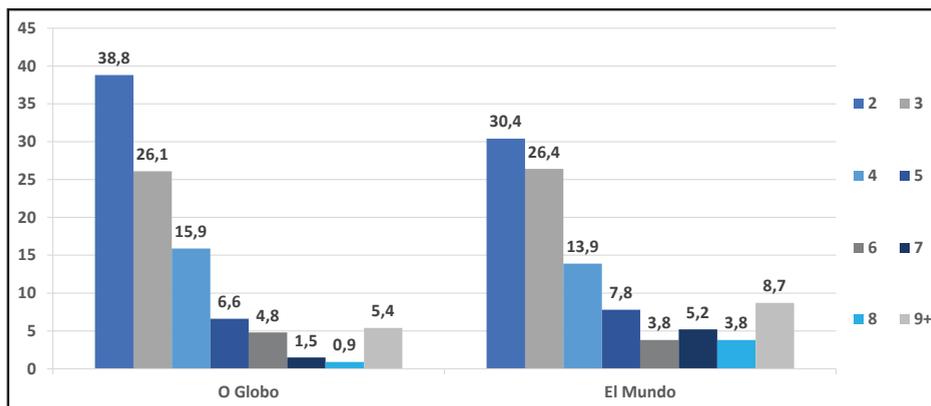


Gráfico 5 – Quantidade de itens lexicais dos SNs complexos por idioma (%).

Um padrão semelhante de distribuição dos itens lexicais foi constatado nas duas línguas, como mostra o Gráfico 5. Embora em ambas predominem SNs com 2, 3 e 4 itens lexicais, podemos perceber que SNs de 2 e 4 itens são ligeiramente mais frequentes no *O Globo*. Por outro lado, SNs com 7, 8 e 9+ itens tendem a ser mais presentes no *El Mundo*. Assim, podemos considerar que existe uma tendência a que os SNs complexos do *El Mundo* tenham um maior peso estrutural, considerando-se o critério de quantidade de itens lexicais.

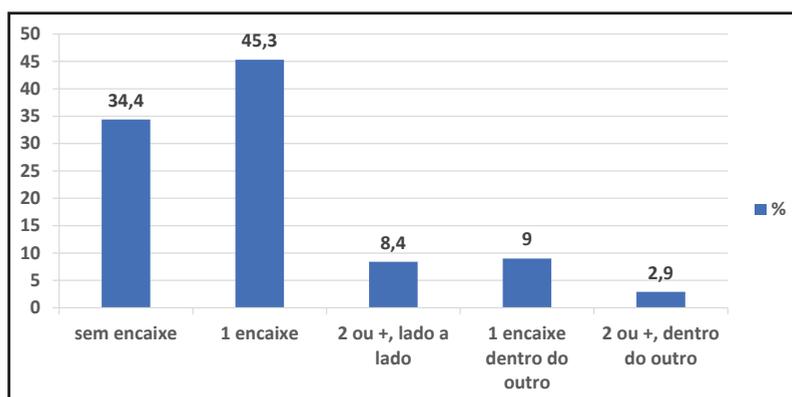


Gráfico 6 – Tipos de encaixes (%).

No que diz respeito à quantidade e à posição dos encaixes relativos ao N do SN nos dois idiomas, o Gráfico 6 nos mostra que há um predomínio de SNs considerados mais simples: SNs sem encaixe e SNs com 1 encaixe.

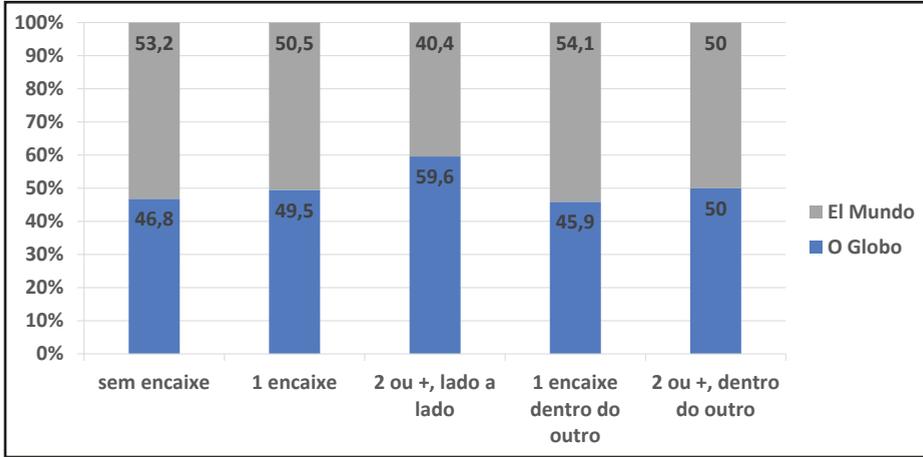


Gráfico 7 – Distribuição dos tipos de encaixes por idioma (%).

O Gráfico 7 mostra que essa distribuição é bem semelhante nos dois idiomas estudados, à exceção do grupo de 2 ou + encaixes lado a lado, em que há um percentual de frequência um pouco maior n’*O Globo*. Os resultados mostrados nos Gráficos 4 e 5 também contribuem para refutar a hipótese inicial de que haveria maior complexidade estrutural nos SNs do espanhol. Com efeito, isso nos leva a crer que essa distribuição também está relacionada com o macrogênero em análise.

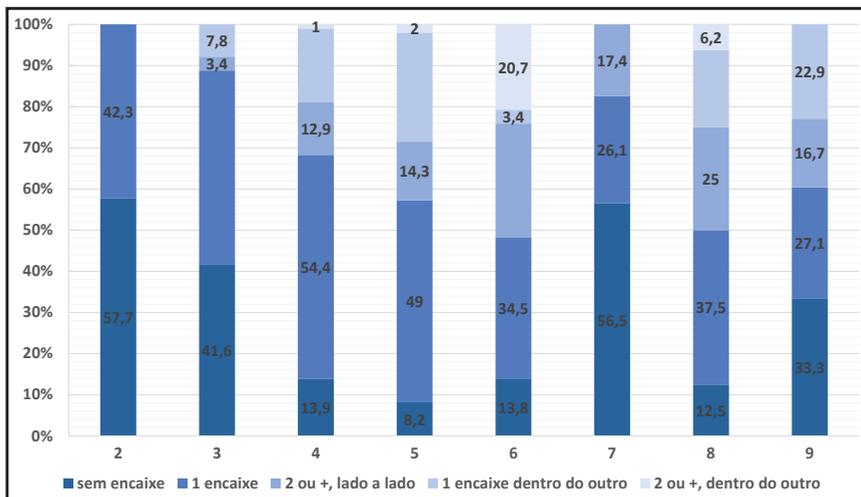


Gráfico 8 – Cruzamento entre quantidade de itens lexicais e encaixes dos SNs complexos (%).

Baseando-se na posição de autores como Wasow (1997) e Berlage (2014) sobre complementaridade entre quantidade de itens lexicais e quantidade e posição de encaixes para aferir a complexidade estrutural de um SN, foi feito um cruzamento entre esses dois fatores. O resultado, mostrado no Gráfico 8, confirma esse ponto de vista, mostrando que, quanto menor a quantidade de itens lexicais, mais se fazem presentes os encaixes considerados mais simples. Por outro lado, quanto maior a quantidade de itens lexicais, mais há encaixes considerados de maior complexidade.

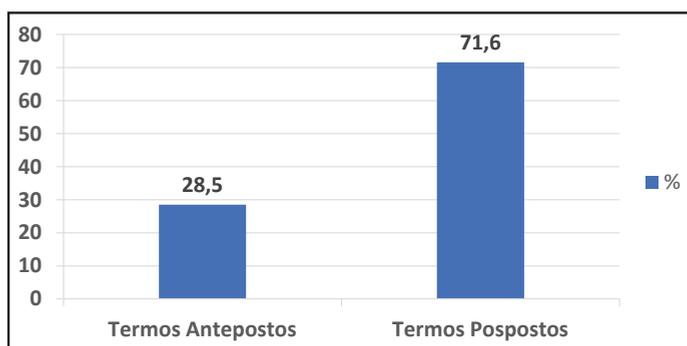


Gráfico 9 – Posição dos SNs complexos (%).

Examinando aspectos discursivo-funcionais do SN, analisemos o Gráfico 9, que mostra a distribuição total dos SNs complexos das duas línguas entre dois grupos: funções sintáticas antepostas e pospostas ao predicador verbal. A partir desse gráfico, podemos compreender que a tendência é que SNs complexos desempenhem funções sintáticas que estejam ocupando posições pospostas ao predicador verbal. Isso corrobora o princípio do peso final (cf. QUIRK *et al.*, 1985, *apud* NIV, 1992; WASOW, 1997). O Gráfico 10 mostra que essa tendência se repete nos dois jornais estudados:

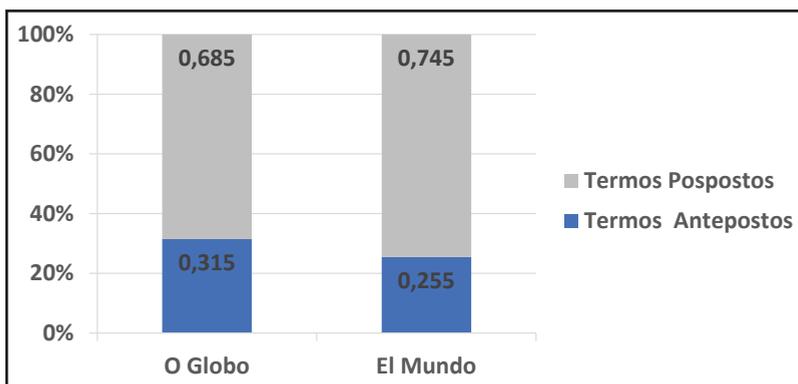


Gráfico 10 – Distribuição de Função Sintática e posição do SN nos dois idiomas (%).

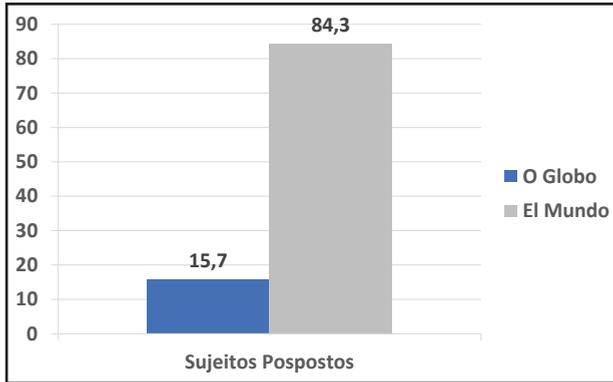


Gráfico 11 – Distribuição de SNs com sujeitos pospostos entre os idiomas (%).

Uma diferença saliente encontrada foi quanto à distribuição de SNs complexos em função sintática de sujeitos pospostos. De acordo com o Gráfico 11, há maior índice de posposição de sujeitos no espanhol que no português. Essa sim parece ser uma diferença que está associada ao sistema das duas línguas. Como consequência, se pensarmos numa gradiência do padrão *pro-drop* entre as línguas do mundo, podemos deduzir que o espanhol talvez seja um pouco mais *pro-drop* que o português.

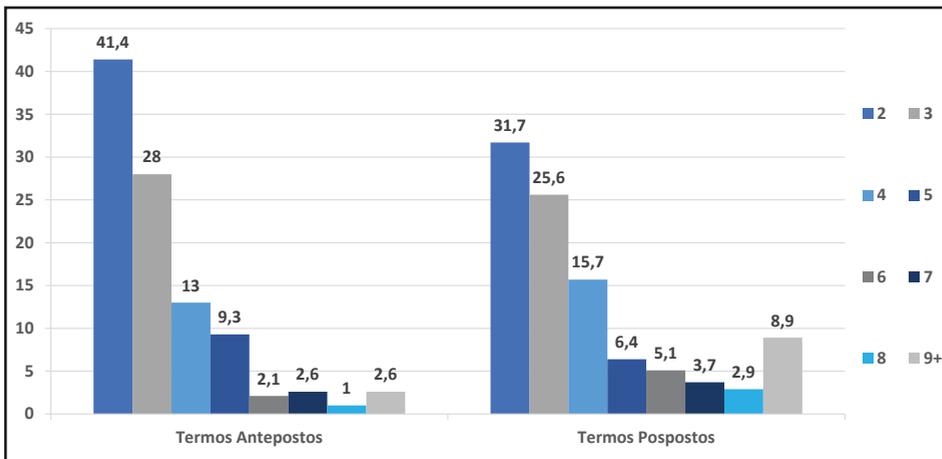


Gráfico 12 – Cruzamento entre quantidade de itens lexicais e posição dos SNs complexos (%).

Foi feito um cruzamento entre quantidade de itens lexicais e posição do SN, mostrado no Gráfico 12. Embora os padrões de termos antepostos e pospostos se assemelhem, podemos perceber também que SNs formados por 2 e 3 itens lexicais são mais frequentes em funções sintáticas antepostas ao predicador verbal. Por outro lado, os SNs de maior peso estrutural tendem a vir pospostos

ao predicador verbal: 4, 6, 7, 8 e 9+ itens lexicais. Essas constatações também comprovam o princípio do peso final.

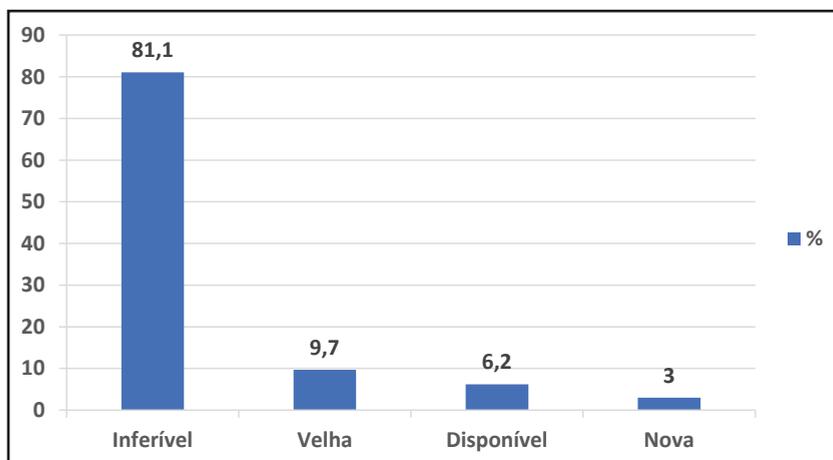


Gráfico 13 – Status Informacional dos SNs (%).

Quanto ao estatuto informacional, considerando-se a totalidade do corpus, o Gráfico 13 mostra que existe um predomínio de informações inferíveis, velhas e disponíveis, nessa ordem de frequência. Essa tendência já era esperada por estar de acordo com a visão de texto que acreditamos: um todo discursivo em forma de tecido, cujas tramas se sustentam com coerência e coesão, progredindo de maneira cooperativa com o leitor, e não introduzindo, por diversas vezes, entidades totalmente novas.

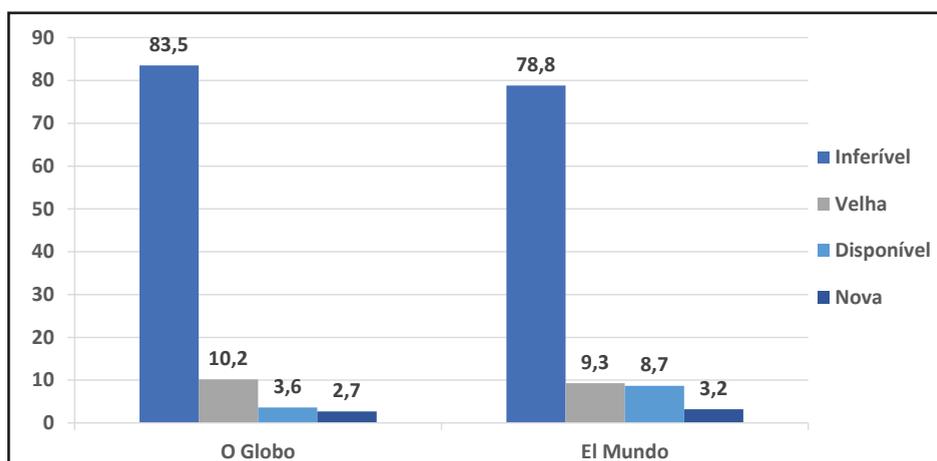


Gráfico 14 – Status Informacional nos dois idiomas (%).

O Gráfico 14 mostra que o mesmo padrão geral de distribuição encontrado no Gráfico 13 tende a se repetir nas duas línguas.

Entretanto, chama a atenção a diferença percentual encontrada para informações disponíveis entre as duas línguas. No Gráfico 15, vemos que foi encontrada uma maior concentração delas no *El Mundo*:

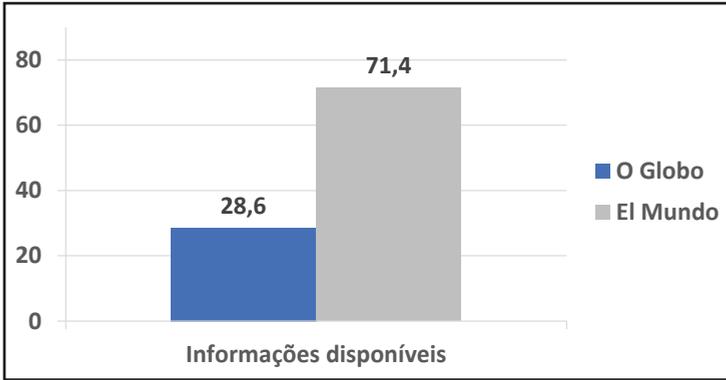


Gráfico 15 – Distribuição de SNs com informações disponíveis entre os idiomas (%).

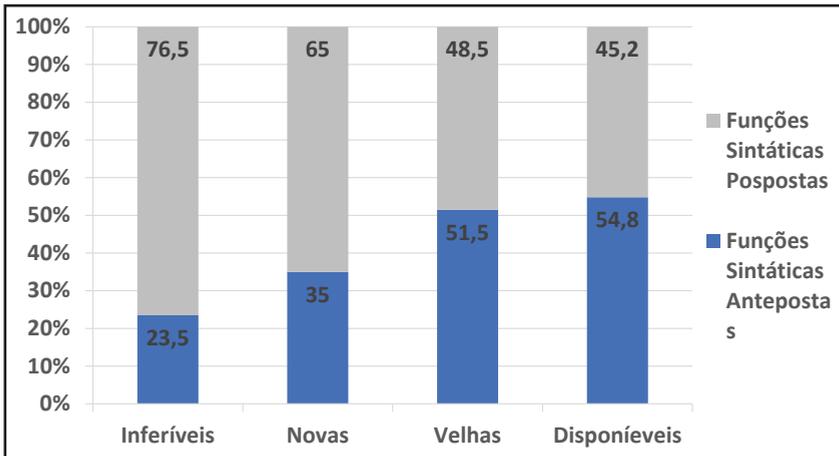


Gráfico 16 – Status Informacional X Funções Sintáticas (%).

Com vistas a testar o **princípio do ponto de partida leve** (cf. CHAFE, 1987, 1994; WASOW; ARNOLD, 2003), foi feito um cruzamento entre status informacional e funções sintáticas. No Gráfico 16, percebemos que informações inferíveis e novas tendem a vir em SNs pospostos ao predicador verbal, enquanto informações velhas e disponíveis tendem a vir antepostas. Esses resultados ratificam o princípio do ponto de partida leve.

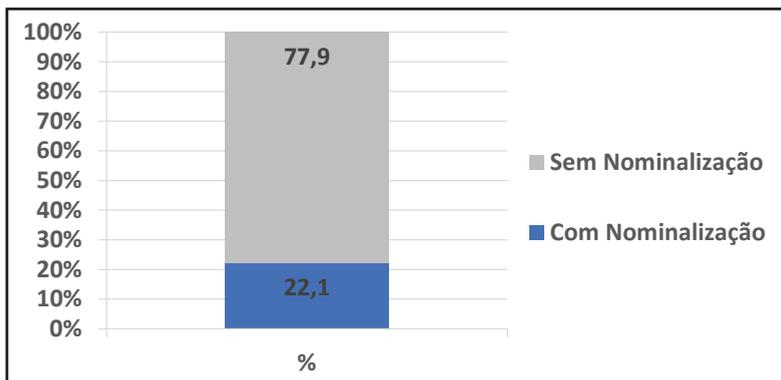


Gráfico 17 – Distribuição geral de nominalizações nos SNs do corpus (%).

O Gráfico 17 mostra-nos que os casos de SNs complexos que envolvem nominalizações correspondem a 22,1% dos SNs analisados nas duas línguas. Já o Gráfico 18 mostra que essa distribuição é bastante homogênea entre os dois jornais, o que nos leva a associar o padrão encontrado no Gráfico 17 ao macrogênero j-blog, e não a um dos idiomas em específico.

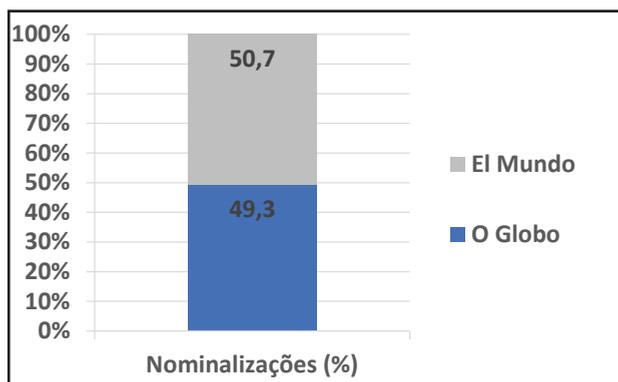


Gráfico 18 – Distribuição dos casos de nominalização entre os dois jornais (%).

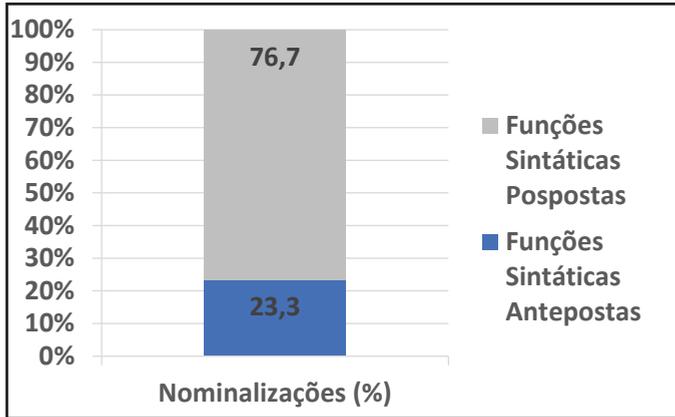


Gráfico 19 – Distribuição das nominalizações entre as funções sintática (%).

No Gráfico 19, podemos perceber que as nominalizações tendem a aparecer mais com SNs que desempenham funções sintáticas pospostas ao predicador verbal, o que também confirma a tendência ao peso final.

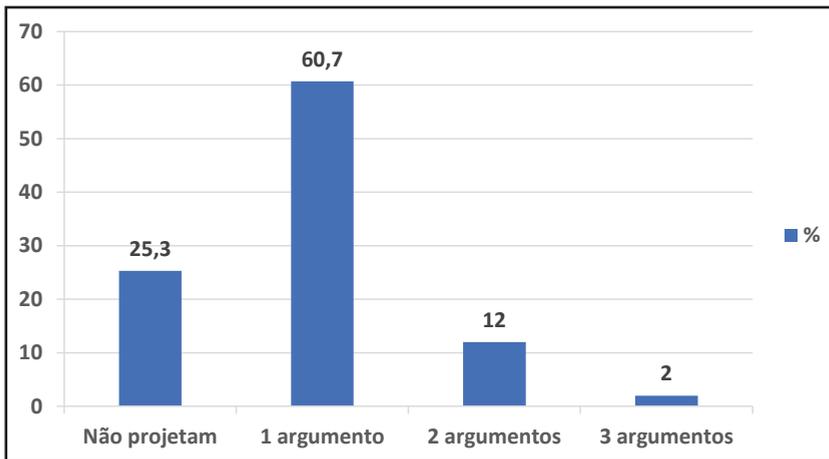


Gráfico 20 – Projeção de argumentos das nominalizações (%).

Dentre o total de nominalizações encontradas, percebemos no Gráfico 20 que a tendência é que elas projetem 1 argumento, assim como encontrado em estudos anteriores (e.g., BASTOS, 2013; OLIVEIRA, 2013b, 2014; SANTOS, 2015).

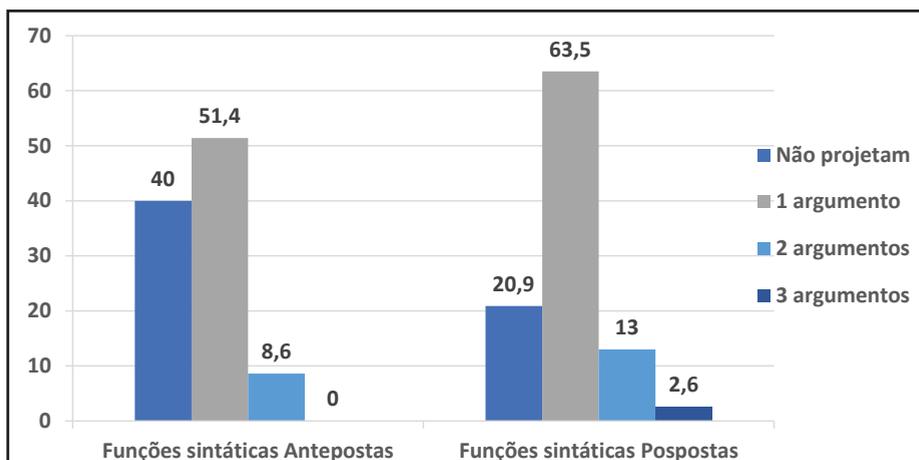


Gráfico 21 – Projeção de argumentos das nominalizações vs. Funções Sintáticas (%).

O Gráfico 21 apresenta o resultado de um cruzamento feito entre a projeção de argumentos e a posição das nominalizações. Podemos perceber que nominalizações que não projetam argumentos tendem a vir em SNs antepostos ao predicador verbal, enquanto que nominalizações que projetam 1, 2 ou 3 argumentos tendem a vir em SNs que desempenham funções sintáticas em posições pospostas ao predicador verbal. Ou seja, aqui também confirmamos a tendência do peso final.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando as hipóteses de trabalho levantadas, podemos tecer algumas considerações finais sobre o macrogênero j-blog de opinião política e econômica.

- Baseando-me em Oliveira (2013b), esperava encontrar maior incidência de SNs complexos no espanhol que no português, o que não aconteceu: a distribuição desses SNs entre as duas línguas apresenta um padrão semelhante em ambas.
- A temática considerada mais séria, da opinião política e econômica, não conduziu a um maior índice de SNs complexos e tampouco a uma maior complexidade estrutural ou discursivo-funcional dos mesmos, em relação aos j-blogs de opinião esportiva, estudados por Oliveira (2014). Foram encontrados padrões semelhantes em ambos estudos, inclusive no que diz respeito à diferença de posposição de sujeitos no português e no espanhol. Nesse sentido, o conteúdo temático parece ser menos relevante que o meio da Web 2.0 para os resultados encontrados.

- Entretanto, foi encontrado um índice relevante de diferença entre sujeitos pospostos nas duas línguas (84,3% no *El Mundo* contra 15,7% n' *O Globo*), que também já era sinalizada em Oliveira (2014) e que, portanto, parece ser uma característica tipológica do espanhol.
- Percebemos também uma diferença expressiva na distribuição de SNs que carregam informações disponíveis: 71,4% no *El Mundo* contra 28,6% n' *O Globo*.
- Cabe-nos destacar ainda uma ligeira diferença na distribuição dos SNs de 5, 7, 8 e 9+ itens lexicais, contribuindo para um maior peso estrutural dos SNs do espanhol.
- A temática considerada mais séria, da opinião política e econômica, não conduziu a um maior índice de SNs complexos e tampouco a uma maior complexidade estrutural ou discursivo-funcional dos mesmos, em relação aos j-blogs de opinião esportiva, estudados por Oliveira (2014). Foram encontrados padrões semelhantes em ambos estudos, inclusive no que diz respeito à diferença de posposição de sujeitos no português e no espanhol. Nesse sentido, o conteúdo temático parece ser menos relevante que o meio da Web 2.0 para os resultados encontrados.
- Os princípios do peso final e do ponto de partida leve não foram violados, o que se esperaria de textos mais densos, como os de opinião política e econômica.
- Mesmo correspondendo a 22,1% do total de SNs complexos coletados, as nominalizações também se enquadram em tendências já conhecidas, como o princípio do peso final e a projeção de um argumento, majoritariamente.

Portanto, podemos assumir que as características formais e discursivo-funcionais do SN complexo podem ser parâmetro de análise de gêneros da esfera jornalística, contribuindo para associar o macrogênero j-blog de opinião política e econômica a um predomínio de SNs de menor complexidade, tanto do ponto de vista estrutural, quanto do discursivo-funcional.

A esfera discursiva também parece ter papel importante para a caracterização desses blogs face a outros gêneros estudados por nosso grupo de pesquisa. Os j-blogs aqui estudados estão longe dos resultados, *e. g.*, de Paredes Silva (no prelo). A autora estudou *abstracts* de teses, um gênero da esfera acadêmica, encontrando uma incidência de SNs complexos de 80% em relação aos considerados simples.

Além disso, se, por um lado, esperávamos que as postagens tivessem comportamento semelhante às colunas de opinião assinadas dos jornais impressos,

por outro, o meio digital parece estar favorecendo o uso de estruturas linguísticas menos complexas, como já constataram, *e. g.*, Oliveira (2014) e Santos (2019). As condições de produção e atualização de um j-blog parecem favorecer uma nova relação do jornalismo com o público leitor: uma relação menos densa e mais efêmera. Possivelmente, os blogueiros consideram que os leitores já não estão tolerando, numa leitura na internet, textos tão densos quanto tolerariam num jornal de mídia impressa.

Com efeito, os j-blogs estudados aqui e em Oliveira (2014) aparentam ocupar um meio termo entre a mídia impressa tradicional e outros gêneros jornalísticos menos opinativos, como as crônicas estudadas por Costa Pinto (2014). Nesse sentido, é importante pensar a internet como um meio plural de produção linguística, ao lado da fala e da escrita prototípicas, levando-se em conta os gêneros textuais e as esferas de atividades humanas que por ela passam. É mister, portanto, buscar novos olhares teóricos para as interações linguísticas que aí têm lugar.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, J. C. Reelaborações de gêneros em redes sociais. *In*: ARAÚJO, J. C.; LEFFA, V. (orgs.). **Redes sociais e Ensino de línguas: o que temos de aprender**. São Paulo: Parábola, 2016, p. 49-64.
- ARAÚJO, J. C.; LIMA NETO, V. Gêneros digitais em emergência: uma proposta de análise do scrap do Orkut. **Revista do Gelne**, Piauí, v. 11, n. 2, 2009, p. 38-52.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BASTOS, M. X. **O uso de Sintagmas Nominais complexos em artigos de divulgação científica**. Rio de Janeiro, 2013. 123fl. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.
- BERLAGE, E. **Noun Phrase Complexity in English**. UK: Cambridge University Press, 2014.
- BEZERRA, B. G. **Gêneros no contexto brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2017.
- BIBER, D. E. On the Investigation of Spoken/Written Differences. **Studia Linguistica**, v. 40, n. 1, 1986, p. 1-21.
- BISOGNIN, T. R. **Sem medo do internetês**. Porto Alegre: AGE, 2009.

BUTLER, C. S. **Structure and Function: A Guide to Three Major Structural-Functional Theories, Part 2: From Clause to Discourse and Beyond**, John Benjamins Publishing Company, Studies in Language Companion Series 64, 2003.

CAMACHO, R. G. **O Papel da Nominalização no Continuum Categorial**. São José do Rio Preto, 2009, 259fl. Tese (Livre Docência em Linguística) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2009. Disponível em: http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/livre-docencia/2009/camacho_rg_ld_sjrp.pdf.

CASTILHO, A. T. Funcionalismo e gramáticas do português brasileiro. In: SOUZA, E. R. *et al.* (orgs.). **Funcionalismo linguístico: novas tendências Teóricas**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 20-42.

COSTA PINTO, P. I. V. **Aspectos discursivos dos sintagmas nominais complexos em crônicas jornalísticas**. Dissertação de Mestrado em Linguística. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2014.

CHAFE, W. L. Integration and Involvement in Speaking, Writing, and Oral Literature. In: TANNEN, D. **Spoken and written language**. Norwood, N. Jersey: Ablex, 1982, p. 35-53.

CHAFE, W. L. Cognitive Constrains on Information Flow. In: TOMLIN, R. **Coherence and grounding in discourse**. Amsterdam: John Benjamins, 1987, p. 21-51.

CHAFE, W. L. Starting points, Subjects and the Light Subject Constraint. In: CHAFE, W. L. (org.). **Discourse, consciousness, and time: The flow and displacement of conscious experience in speaking and writing**. Chicago, University of Chicago Press, 1994, p. 82-92.

CUNHA, M. A. F. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 157-176.

CUNHA, M. A. F.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: Conceitos básicos e categorias analíticas. In: CUNHA, M. A. F.; CEZARIO, M. M. (orgs.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad X, FAPERJ, 2013, p. 13-39.

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São. Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HALLIDAY, M. A. K. *Explorations in the Functions of Language*, London: Edward Arnold, 1973.

HAZEN, K. Historical Assessment of Research Questions in Sociolinguistics: a practical guide. *In*: HOLMES, J.; HAZEN, K. (orgs.) **Research Methods in Sociolinguistics**, 2014, p. 7-22.

HYMES, D. On Communicative Competence. *In*: PRIDE, J. B.; HOLMES, J. (orgs.) **Sociolinguistics**. England: Penguin Books, 1972, p. 269-293.

KEIZER, E. **The English noun phrase**: the nature of linguistic categorization. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

LÉ, J. B. **Referenciação e gêneros jornalísticos**: sistemas cognitivos em jornal impresso e jornal digital. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2012. Tese de Doutorado em Linguística.

LIMA, Y. D. R. **Forma e função em gêneros digitais**: estrutura composicional e traços léxico-gramaticais no macrogênero *blog*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2017. Dissertação de Mestrado em Linguística.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONISIO, A. P., MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola, 2010a, p. 19-38.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. *In*: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (orgs.) **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção do sentido. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2010b, p. 15-80.

MARTIN, J. R. Macro-genres: the ecology of the page. **Network**, v. 21, 1994, p. 29-52.

MILLER, C. R.; DIONISIO, A. P.; HOFFNAGEL, J. C. (orgs.). **Gênero Textual, Agência e Tecnologia**. Tradução para o português de Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

NEVES, M. H. de M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

NIV, M. **Right Association Revisited. Proceedings of the 30th annual Meeting on Association for Computational Linguistics**. June 28 – July 02, 1992. Newark, Delaware.

OLIVEIRA, M. R. Interações na blogosfera. *In*: SHEPHERD, T. G.; SALIÉS, T. G. (orgs.). **Linguística da Internet**. São Paulo: Contexto, 2013a, p. 157-197.

OLIVEIRA, F. D. de. Sintagmas nominais complexos nos gêneros jornalísticos: uma abordagem comparada entre artigos de opinião e notícias. *In*: FANJUL, A. P.; MARTIN, I. R.; SANTOS, M. (orgs.) **Atas do VII Congresso Brasileiro de Hispanistas**. São Paulo: ABH, 2013b, p. 398-403. Trabalho apresentado no VII Congresso Brasileiro de Hispanistas. Salvador, BA, 3 a 6 de setembro de 2012. Disponível em https://docs.google.com/file/d/0B_fPPa-m93xDa0ZFRF9VRn-dRLTg/edit. Acesso em: 17 jan. 2014.

OLIVEIRA, F. D. de. **O uso de Sintagmas Nominais Complexos em blogs de opinião esportiva brasileiros e argentinos**. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2014. Dissertação de Mestrado em Linguística.

OLIVEIRA, F. D. de. **O Uso de Sintagmas Nominais Complexos em blogs de Política e Economia Brasileiros e Espanhóis**. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2019. Tese de Doutorado em Linguística.

PRINCE, E. F. Towards a taxonomy of given/new information. *In*: COLE, P. (ed.). **Radical Pragmatic**. New York: Academic Press, 1981, p. 223-255.

PRINCE, E. F. The ZPG Letter: Subjects, Definiteness, and Information-status. *In*: THOMPSON, S.; MANN, W. (eds.). **Discourse Descriptions: Diverse Analyses of a Fundraising Text**. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1992, p. 295-325.

ROJO, R.; Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. *In*: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.) **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola, 2005, p. 184-207.

PAREDES SILVA, V. L. Sintagmas nominais complexos: critérios formais e funcionais de identificação, com reflexos na construção do gênero acadêmico abstract. No prelo.

SANTOS, L. C. dos. **Da forma para a função: a correlação entre Sintagmas Nominais Complexos e Editoriais**. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2015. Dissertação de Mestrado em Linguística.

SANTOS, L. C. dos. **A correlação entre sintagmas nominais complexos e o gênero notícia política: uma análise comparativa entre o suporte impresso e o digital**. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2019. Tese de Doutorado em Linguística.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1970.

TANNEN, D. The Oral/Literate Continuum in Discourse. *In*: TANNEN, D. (org.). **Spoken and written language**. Norwood, N. Jersey: Ablex, 1982, p. 35-53.

WASOW, T. Remarks on grammatical weight. *In*: **Language Variation and Change**, 9, 1997, p. 81-105.

WASOW, T.; ARNOLD, J. Post-verbal constituent ordering in English. *In*: G. Rohdenburg; B. Mondorf (eds.), **Determinants of grammatical variation in English**. Dordrecht, The Netherlands: Mouton, 2003, p. 119-154.

